

Há um hiato entre a primeira e a segunda geração da atualidade. Vocês se lembram que concordamos em fixar como começo do pensamento atual a revolta contra o hegelianismo e contra tudo que este representa. Em outras palavras, contra o predomínio da razão, contra um conceito ordenado e regularizado da realidade, contra um formalismo apriorístico, contra um otimismo que se revelou superficial, enfim, contra o classicismo. Tratava-se de uma revolta romântica, e nas sextas-feiras passadas me esforcei de expor os elementos do romantismo tanto em Schopenhauer como em Kierkegaard. Marx, este revoltoso que continua preso ao espírito classicista, fica para ser discutido na próxima quarta-feira, mas essa mudança do time-table não modificará o fluxo da discussão, já que ele não está situado autenticamente dentro da corrente do pensamento da atualidade.

Quando a segunda geração dos filósofos atuais surge no palco, o cenário foi modificado significativamente. É verdade que essas novas personagens que aparecem na segunda metade do século passado, isto é os filósofos historicistas, os pragmáticos, os vitalistas, os defensores de um paralelismo psico-físico, os primeiros filósofos da vida (Lebensphilosophen), esse figura esplendida e isolada que é Nietzsche, e também os incipientes analistas, estes neo-escolásticos disfarçados, é verdade que essas novas personagens são continuadores das novas trilhas abertas pela revolta romântica, são consequência natural dessa revolta. Mas o clima no qual eles se desenvolvem, o Zeitgeist, é outro. Essa mudança é a um tempo fácil de sentir e difícil de formular, mas eu creio que um dos fatores que mais contribuiu para ela é a enorme expansão do horizonte intelectual ^{resultou} devida ao desenvolvimento principalmente da biologia. Esse desenvolvimento em novas dimensões da imagem que temos do mundo, e acredito que essas dimensões não foram absorvidas pelo pensamento nem em nossas dias.

A expansão das ciências biológicas se deve, obviamente, àquela transferência do interesse que deu origem a revolta romântica da qual falamos. A ciência para o pensamento do século 18, era, praticamente sinônimo daquilo que chamamos nós, provavelmente sem muita exactidão, de ciência exata. Resumia-se praticamente em física, astronomia, e química incipiente. Contra esse tipo de ciência, e contra o conceito do mundo que dela resulta, portanto contra o clima classicista e ancien régime, foi que os românticos se insurgiram. Isto não impediu, evidentemente, que esse tipo de ciência se desenvolvesse prodigiosamente, embora, no processo desse desenvolvimento, tivesse a ciência exata perdido seu aspecto de exactidão e de classicismo. Mas a revolta conseguiu, por ter despertado interesses novos, abrir novos campos para a investigação científica, que não era menos científica por ser menos exata. Desses campos mencionarei, em passant, a filologia, a história crítica, a antropologia científica, a sociologia, a psicologia, em resumo tudo aquilo que Dilthey chamou de "Geisteswissenschaften" (ciências do espírito), e que os americanos chamam, caracteristicamente de "humanities". A influência de todas essas disciplinas sobre a segunda geração dos pensadores atuais era enorme, mas passo por cima dela, porque a sua influência decisiva se faz sentir um pouco mais tarde, no começo do século 20. É a biologia, e mais especialmente a paleontologia e a embriologia, as quais, ao meu ver, são as mais responsáveis pela mudança de clima nos anos sessenta do século passado. Essas ciências colocam o homem em posição inteiramente nova, a saber na ponta do foguete da evolução da vida, e fazem dele a culminação de um processo cuja origem se perde no fundo de um poço de pelo menos várias centenas de milhares de anos de profundidade. Aparentemente, portanto, colocam o homem em alturas estonteantes, e os pensadores dos quais teremos que falar nas próximas sextas-feiras, foram, devidamente, presos da tontura de alturas. Sómente a nossa geração começa a perceber que a aparente elevação do homem era, na realidade, uma degradação para o reino do animal, é que a posição tradicional do homem, a meio caminho entre Deus e mundo, é muito mais elevada. Mas não é sómente a posição, que as ciências biológicas designam o homem, que influenciou a filosofia, era também o método e o caminho que o homem percorreu, de acordo com as mesmas ciências, para chegar a essa posição, que impressionou profundamente esse pensadores. Eles mergulham, portanto, cabeças primeiro, para a catástrofe e esumante da vida, tal qual a biologia a define, tentando, uns, nada contra a corrente, e deixando se arrastar, outros, de bom grado pela corrente, mas todos dessem, antes de mergulhar e para nadar melhor, os trajes da ética tradicional, os últimos vestígios da moral ocidental e cristã, para abandonar essas vestes nas praias de um racionalismo abandonado igualmente. Quero, portanto, dar uma ideia dessa queda de água.

Sob provocação de formular a definição biológica da vida, diria que se trata de um líquido viscoso que se obstina em não obedecer as leis que a física estabelece. Para dar um exemplo: quando um líquido viscoso, ao invés de correr vale abaixo, conforme manda a gravidade, galga árvores ou pula cercas, é que está vivo. Este exemplo demonstra bem o comportamento classicista da matéria inorgânica, (conforme foi imaginada no século 18), e o comportamento romântico da matéria viva (conforme foi imaginada no século 19). Diante esse obstinação curiosa da vida, temos, me quer parecer, três vias de evasão ou de fuga: (1) ampliar as leis da física até que abranjam também o comportamento da matéria viva. Trata-se de uma rendição incondicional da física diante a biologia. (2) Admitir leis totalmente diferentes para os fenômenos biológicos, admitir portanto um salto original (Ursprung) que a matéria deu quando dela surgiu a vida. e (3) Deixar de crer em uma ordem fundamental no mundo. Sob análise ficará revelado que as vias de fuga (1) e (2) implicam, in nuce, a terceira posição, pelas razões seguintes: A ampliação das leis da física para darem lugar aos fenômenos biológicos cria um caos no campo da física. O salto da camada inorgânica para a camada da biologia é caótico ex definitiōne.

Enquanto que os antigos gregos ficaram impressionados pela sábia ordem que aos seus olhos reinava no mundo orgânico, os pensadores do século passado ficaram impressionados pela desordem que, de acordo com eles, era causada pela vida. Isto porque os gregos enxergavam o mundo organicamente, enquanto que os nossos bisavós o enxergavam mecanicamente. Para os gregos e os judeus a vida era resultado de um hálito inspirado de fora para dentro da matéria morta. Para o século 19 a vida era resultado de um impulso vindo de dentro para fora da matéria morta. Ainda hoje essa diferença de direção é, (isto digo de passagem), motivo de orgulho esclarecido dos defensores do ateísmo, felizmente sempre menos combativos. Mas a consequência do impulso, (porque não dizer espírito) vindo de dentro para fora da matéria é o quebra-quebra da explosão causado pela vida. A matéria morta que se projeta para fora de si mesma, que salta para ganhar vida, se comporta explosivamente. Nisto ela se comporta exatamente como Schopenhauer tinha profetizado para a sua vontade. A biologia do século 19 é schopenhaueriana.

O salto primordial (Ursprung) a partir da camada da matéria morta para a camada da biologia infelizmente não pode ser observado em nossos dias prosaicos, mas a explosão dele resultante continua em ritmo crescente. Qual jato de um poço de petróleo recém perfurado a vida se projeta para fora da matéria e vomita sempre novos indivíduos, espécies, gêneros e phyla. Essa multidão de seres vivos, essa torrente de corpos animados, se entredesdobra individual e coletivamente. Os fracos, os meigos, os pacíficos e os tolerantes são impietosamente eliminados. Os fortes, os arrogantes, os experientes e os brutais sobrevivem. O homem, essa ponta da lança da vida, é portanto o mais forte, o mais arrogante, o mais esperto e o mais brutal de todos os seres. É graças a essas qualidades que ele governa o mundo da natureza. Evidentemente, essa visão da vida e do mundo traz consigo uma revalorização de valores tradicionais, gregos e cristãos, todos eles condenados pela dinâmica da vida, a serem eliminados. Notem, de passagem, quão cegos eram os nossos bisavós diante da evidência manifesta da própria biologia. Quão presos eles eram pelos seus preconceitos românticos e grandiloquentes. Não notaram que a ameba fraca, meiga, pacífica e tolerante conseguiu sobreviver melhor que o homem, já que ela domina a cena por tempo apreciavelmente mais longo. E notaram ainda muito menos que essa mesma ameba é, biologicamente falando, muito mais voraz que o homem, que portanto a supremacia do homem possivelmente reside em características menos violentas, se é que essa supremacia existe. Essas descobertas estão sendo feitas por nossa geração já menos grandiloquente. Digo tudo isto somente para ilustrar a subjetividade da chamada "ciência objetiva", tal qual tinha sido praticada no século passado. Trata-se de uma subjetividade própria, como sabemos hoje graças a Kierkegaard, a toda tentativa humana.

Essa visão da vida e do mundo, como já disse, deu como consequência uma revalorização de valores. E para nós difícil de compreender que uma visão tão nojenta e repulsiva tenha resultado em um otimismo quanto ao futuro do homem e da humanidade. Essa nossa dificuldade de compreender os nossos bisavós é consequência da nossa experiência com a culminação de toda essa mentalidade: o hitlerismo. Mas os pensadores do século 19 não podiam ter pro-

visto a catastrophe na qual os seus pensamentos e suas ideias iam mergulhar a humanidade. Não podiam ter prevista a mistura diabolica que surgiu dos ingredientes do romantismo e do biologismo, quando estes ingredientes penetraram nas camadas semi-educadas. O que eles experimentaram foi a exaltação inebriante que acompanha o avanço do conhecimento humano quando este penetra regioes nunca antes exploradas; e é isto que acontecia com a biologia nos meados do século passado. Cometeríamos uma injustiça se fossemos a julgar os filosofos da segunda metade do século 19 pelos frutos que deram. Eles mesmos ficariam horrorizados se soubessem que serviam de escudo ás atrocidades do século 20.

É, no entanto, impossível isentar esses pensadores, e com eles toda a geração dos nossos bisavós, de toda a culpa. Isto porque, no fundo de suas almas, eles sabiam de sua culpabilidade. Todo aquele otimismo berrante, que na filosofia se manifestou na glorificação do homem em sua força vital, e na economia se manifestou como capitalismo não inibido, naquilo que os alemães chamam de "Gruenderjahre" (anos dos fundadores), e na política se manifestou no imperialismo, para dar exemplos de suas manifestações mais evidentes, todo aquele otimismo era fundamentalmente inautentico, insincero, forçado, sabia de sua propria pecaminosidade. A pruderie quase patologica que caracteriza o victorianismo e que acompanha em sordina a descoberta da situação do homem dentro da biologia é um sinal da má consciencia coletiva. A glorificação altissonante da potencia do homem é uma indicação do medo crescente, embora talvez ainda subconciente, da sua impotencia incipiente. De um ponto de vista freudiano, todo o pensamento da segunda metade do século 19, inclusive o próprio freudianismo, não passa de uma sublimação de um senso de pecado profundo. É como se a humanidade ocidental toda fosse vítima de um único gigantesco complexo de Édipo tao bem expresso por Nietzsche: eles mataram Deus.

Como tinha sido possível, ainda nas palavras de Nietzsche, um assassinato superhumano? Como se tornou possível a transformação de Deus em uma hipotese desneccasira e portanto eliminavel? Como pode ter surgido este ateísmo prepotente e arrogente dos positivistas, essa religiosidade hipócrita dos pragmatistas que definiam Deus como um instrumento útil, esse furore antidiuino de Nietzsche? Em resumo, como se tornou possível um afastamento tao enorme da humanidade ocidental de suas bases religiosas, um afastamento cujas consequencias continuam a perdurar até os nossos dias? As respostas a esta pergunta, que me parece básica para a compreensão da atualidade, surgirão, assim o espero, pelo menos em seus contornos, durante as proximas sextas feiras, quando discutiremos as filosofias individuais dessa época nefasta. Mas, desde já, nesta exposição que serve de base comum para o esclarecimento da filosofia atual, a qual, daqui por diante, se fragmenta em escala crescente, quero dar uma indicação de uma resposta possível:

Durante o classicismo as religioes tinham sobrevivido somente como esquema desidratado de códigos éticos e de sistemas racionais para a explicação de problemas inacessíveis ao método da ciência. A força viva das religioes ainda mantinha impulso suficiente para informar o pensamento de um Kant e um Hegel, mas tratava-se de uma religiosidade pálida e racionalizada. O núcleo da vivencia religiosa, isto é a prostração do homem diante Deus, já se tinha evaporado, em consequencia da admiração que o homem tinha por sua própria razão e os êxitos por ela alcançados. Este processo da decomposição religiosa progrediu durante a romantica, quando a admiração pela razão foi substituída pela admiração pelo sentimento. O resultado da revolta contra a razão foi que o resto racional da religiosidade foi minado e as religioes ruíram. Este ruina não foi, entretanto, experimentada pelos românticos conscientemente, porque eles se davam ares de religiosos e frequentavam igrejas e compunham versos devotos por motivos esteticos e elegantes. Agora, na segunda metade do século 19, este véu transparente da pretensão religiosa foi retirado, e diante da humanidade se abria, indesejado, o nada. A geração dos Nietzsche e James, dos Dilthey e Husserl ainda não tinha a coragem de chamar o nada pelo seu nome, mas tinha, isto sim, a coragem de olhar para dentro do abismo. Já sabiam esses pensadores que o abismo do nada, esse vacuo deixado pelo Deus assassinado, se abria tanto em redor do homem como dentro do seu proprio Eu. E esse vacuo tinha uma atração morbida, eles estavam prontos a atirar-se nele. O seu otimismo é explicado pela exaltação daquele que se sente elevado porque está acima de um abismo profundo.

Voltando, agora da excursão aos cumes da teologia para os prados vertejantes da biologia, poderemos avaliar melhor a razão do endeusamento do homem como último estágio da evolução da vida. Entre a religião perdida e a biologia descoberta havia, na época em discussão, uma contraditoriedade que para nós é difícil de apreciar a fundo. Nos círculos "conservadores", isto é aqueles que ostentavam fidelidade à tradição, o nome de Darwin era anatema, e nos círculos "progressistas", isto é aqueles que ostentavam, não menos inautenticamente, um espírito científico, a Bíblia tinha perdido todo valor porque não concordava com as descobertas da paleontologia. Ambas essas posições são uma prova da perda da capacidade da fé no século 19. Mas havia uma relação ainda mais importante entre religião e biologia, a saber: a biologia assumiu a herança da religião derrubada.

Tudo o que acabo de dizer não era visível há cem anos. Para os filósofos daquela época a cena intelectual parecia muito mais complicada. Para eles havia uma multiplicidade de tendências centrífugas, e a unidade da tradição filosófica parecia quebrada, unidade que começa na Grécia e acaba com Hegel. Não era possível enxergar um denominador comum para pensadores tão diferentes como por exemplo Nietzsche e Lotze. Mas nós, graças à distância de cem anos, sentimos o Zeitgeist que informa toda essa geração de pensadores. Não sei se Vocês concordarão comigo na definição desse Zeitgeist, não sei se aceitarão a biologia baseada numa irreligiosidade desesperada como tema desse Zeitgeist. Tenho que insistir, entretanto, nesta qualificação importante que acabo de acrescentar à palavra "biologia". Não é a biologia em si que caracteriza, ao meu ver, o século passado, e sim a biologia irreligiosa, portanto uma biologia que usurpa o trono da fé no espírito humano. Quando a física nasceu no século dezesseis e 17, surgiu no campo da religiosidade, e Newton podia declarar que Deus era matemático. Quando a biologia nasceu no século 19, surgiu no abismo aberto por Schopenhauer, portanto o homem se tornou deus.

Na discussão dos filósofos da geração em pauta, no curso das próximas sextas-feiras, pretendo não mais insistir sobre a sua inclinação para a biologia. Peço-vos, portanto, de articular hoje todas as suas dúvidas nesse sentido. É mais uma palavra. A tendência biologista parece ter morrido com a derrota do fascismo e do racismo antisemita. (O racismo antin-gro não parece ser biológico, mas tem outras máscaras. Evidentemente ambos esses racismos são no fundo irracionais, o que interessa neste contexto são as caras nas quais se vestem). Repito que a tendência biologista parece estar morta. Mas eu creio que ela está em estado de hibernação e pode despertar a qualquer momento, para dar origem a novos Nietzsches, Bergsons e Hitlers. Creio que há, no existencialismo do tipo francês, uma forte dose dessa tendência, embora esteja dormindo, e que uma leve provocação poderá despertá-la. É verdade que a própria biologia se desenvolveu enormemente a partir de Darwin, e que portanto um renascimento do biologismo daria resultados diferentes. Mas ~~ix~~ conquanto perdura o clima da irreligiosidade, e ele perdura, embora menos veemente, todo biologismo será pernicioso. Peço-vos portanto, vós que não sentiram o biologismo na própria carne como a geração dos seus pais de ter em mente a possibilidade de um renascimento.

É uma última palavra: A biologia é uma ciência que se encontra, em nossos dias, no estágio no qual se encontrava a física no século 18, isto é prestes a explodir em aplicações técnicas que provavelmente provocarão uma revolução paralela da revolução industrial causada pela física. Portanto terá, presumivelmente, um papel sempre crescente na especulação humana. A discussão que se seguirá agora deverá, portanto, ter uma qualidade profética que peço não negligenciar em seus pensamentos.